

RAÍZES RENASCENTES: arte, gênero e resistência na instalação artística e nas vozes de mulheres negras da Baixada Fluminense

RESURGENT ROOTS: art, gender, and resistance in the art installation and in the voices of Black women from Baixada Fluminense

Beatriz dos Santos Chaves¹

Eduardo Madeiro Bastos de Santana²

Marcílio Moreira Paes³

Tamara de Souza Campos⁴

RESUMO: A Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatória a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar, configurando-se como marco para a implementação de práticas pedagógicas antirracistas. Este artigo analisa a criação e a realização da instalação artística Raízes Renascentes, desenvolvida em 2023 em uma escola da Baixada Fluminense (RJ), durante as atividades do Dia da Consciência Negra. A pesquisa adota abordagem qualitativa, articulando prática artística, observação pedagógica e entrevistas semiestruturadas com três mulheres negras artistas da região. A instalação em análise mobilizou símbolos da ancestralidade africana, como o Baobá/Árvore da Vida, referências à diáspora africana e à tradição dos griôs, além de valorizar a produção artística de mulheres negras. Dialogando com os estudos decoloniais, os feminismos negros e o Afrofuturismo, o trabalho evidencia como a arte pode operar simultaneamente como dispositivo pedagógico, político e epistemológico, contribuindo para o letramento racial, a valorização da memória coletiva e a construção de imaginários de futuro mais equitativos.

Palavras-chave: Instalação Artística. Cultura Afro-brasileira. Dia da Consciência Negra. Gênero. Resistência. Mulheres negras.

ABSTRACT: Law No. 10,639/2003 made the inclusion of Afro-Brazilian history and culture in the school curriculum mandatory, constituting a milestone for the implementation of anti-racist pedagogical practices. This article analyzes the creation and realization of the art installation Raízes Renascentes, developed in 2023 at a school in the Baixada Fluminense region (Rio de Janeiro, Brazil) during Black Awareness Day activities. The study adopts a qualitative approach, articulating artistic practice, pedagogical observation, and semi-structured interviews with three Black women artists from the region. The installation mobilized symbols of African ancestry, such as the Baobab/Tree of Life, references to the African diaspora, and the tradition of griots, while also valuing the artistic production of Black women. Dialoguing with decolonial studies, Black feminisms, and Afrofuturism, the article demonstrates how art can operate simultaneously as a

¹ Docente de Língua Portuguesa no município de Belford Roxo (RJ). E-mail: beatrizdschaves@gmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da UniRio (RJ). E-mail: eduardomadeiro@hotmail.com

³ Mestrando em Letras (PROFLETRAS) pela UFRJ (RJ). E-mail: marcilio.paes@gmail.com

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). E-mail: tamara.campos86@gmail.com

pedagogical, political, and epistemological device, contributing to racial literacy, the valorization of collective memory, and the construction of more equitable future imaginaries.

Keywords: Art Installation. Afro-Brazilian Culture. Black Awareness Day. Gender. Resistance. Black women.

INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas instituições de ensino, constituindo-se como importante instrumento jurídico e pedagógico no enfrentamento ao racismo estrutural. Mais de duas décadas após sua promulgação, entretanto, sua implementação permanece marcada por tensões, resistências institucionais e lacunas formativas, revelando os limites das políticas públicas quando confrontadas com as estruturas históricas de desigualdade racial que atravessam o campo educacional. Sendo sancionada durante o primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com o objetivo de servir como ferramenta de combate ao racismo, neste ano de 2025, essa lei completa 22 anos e, apesar dos muitos esforços políticos e educacionais, ainda se percebe que há muito caminho a ser percorrido no que se refere a sua concreta implantação dentro de cada escola, seja ela pública seja particular. A consolidação da lei enfrenta barreiras estruturadas pelo racismo que afasta, demoniza e tenta descartar as contribuições dos povos africanos⁵.

Compreendido como fenômeno estrutural, o racismo organiza desigualdades e privilégios que ultrapassam comportamentos individuais, sustentando-se por meio de pactos simbólicos e institucionais que naturalizam a exclusão (BENTO, 2022). Articulado à colonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2005), esse processo contribui para a desvalorização sistemática dos saberes africanos e afro-brasileiros, frequentemente marginalizados nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas. Nesse contexto, a efetivação da Lei nº 10.639 exige não apenas a inserção de conteúdos, mas também a

⁵ Dados do Instituto Alana apontam que 71% das cidades brasileiras não cumprem as diretrizes da lei, mantendo um ensino que ignora ou marginaliza a contribuição africana na formação social, cultural e econômica do Brasil. Racismo estrutural, falta de formação de professores e ausência de verba são apontados como os principais entraves à implementação da lei. (Para mais informações, ver: <https://alana.org.br/instituto-alana/>)

construção de abordagens pedagógicas capazes de tensionar epistemologias eurocentradas e de promover outras formas de produção de conhecimento. Embora se percebam alguns avanços na abordagem da temática racial, sobretudo com o trabalho pedagógico de profissionais mais engajados e que partem de uma leitura racializada e afrocentrada (ASANTE, 2007) de mundo, ainda há um longo caminho a percorrer para a plena implementação dos objetivos da Lei nº 10.639. É essencial superar os obstáculos que dificultam essa implementação, como o desconhecimento da memória e das culturas africanas e afro-brasileiras entre docentes e discentes, o preconceito e o racismo religioso que reduzem as contribuições da cultura afro a esse universo, servindo como pretexto aos conservadores. bell hooks (2017, p. 174), ativista antirracista estadunidense, enfatiza que “a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras”. Essa perspectiva é essencial para o desenvolvimento de ações antirracistas nas escolas.

Posto isso, este estudo se propõe a explorar uma das possibilidades de aplicação da Lei nº 10.639 em sala de aula: o uso de projetos de instalação artística, com finalidade pedagógica, como o projeto *Raízes Renascentes*. Este projeto vai além da mera expressão visual: ele busca despertar novas perspectivas nos alunos, na comunidade escolar e na sociedade local. Ao promover reflexões e diálogos sobre a diversidade cultural e o enfrentamento do racismo, a instalação contribui para um letramento racial mais profundo e desafiador. Partindo dessa problemática, este artigo investiga de que maneira a instalação artística *Raízes Renascentes* pode operar como prática pedagógica antirracista no espaço escolar, articulando arte, memória e educação. Pergunta-se, ainda, como as vozes de mulheres negras artistas da Baixada Fluminense (RJ) contribuem para a ampliação desse debate, tensionando os limites institucionais da arte e afirmando outras narrativas sobre identidade, ancestralidade e futuro. O estudo situa-se na intersecção entre educação, artes visuais, estudos decoloniais e feminismos negros, compreendendo a arte não apenas como expressão estética, mas como prática política e epistemológica.

1. O PROJETO RAÍZES RENASCENTES

A *instalação artística* surge como uma forma de arte contemporânea que ganha força a partir da década de 1960 (XAVIER, 2019). Entretanto há quem defenda que suas origens possam se estender até as vanguardas artísticas que, no Brasil, culminaram com a Semana de Arte Moderna de 1922. Embora o conceito tenha surgido no meio artístico, as instalações artísticas têm sido utilizadas como ferramentas capazes de despertar e impactar estudantes nas mais diversas áreas do saber: história, literatura, ciências, geografia, matemática etc. Esse caráter interdisciplinar se relaciona com o adjetivo ‘artística’ que, por sua vez, faz referência à arte capaz de rememorar o passado, resgatar a cultura, construir ligações, estimular o aprendizado e vislumbrar o futuro. Já o substantivo ‘instalação’ faz referência às construções tridimensionais e às ações responsáveis por não apenas ocupar um espaço, mas também por se fazer perceber nesse espaço, já que uma instalação se diferencia no ambiente porque exige do seu espectador interação diferenciada. A instalação não funciona como uma pintura, um quadro, uma escultura ou mesmo uma música, pois ela não interage com o espectador apenas com a visão e a audição, sua interação com espectador pressupõe o tocar, o manipular, o envolver-se com os objetos contidos dentro dela. A instalação artística, portanto, promove uma dinâmica diferente das artes tradicionais, visto que constrói um ambiente imersivo para proporcionar experiências sensoriais mais completas.

No ensino, ou melhor, nos espaços escolares, instalações artísticas podem articular saberes de diversas áreas do conhecimento, seja em relação aos conteúdos temáticos, seja em relação ao tipo de prática artística envolvida na construção da instalação, tornando-se assim uma proposta interdisciplinar rica, criativa e de construção coletiva, uma vez que, quanto aos conteúdos temáticos, as instalações podem articular conhecimentos científicos das disciplinas escolares matemática, história, biologia, língua, sociologia, geografia, filosofia, entre outras. Já quando o assunto é prática artística, são exemplos a pintura, a escultura, a música, a literatura, a dança e o movimento. A proposta do projeto de instalação artística *Raízes Renascentes* surge da necessidade de respeitar as leis de combate ao racismo estrutural dentro dos espaços escolares, transformando-os em locais

de expressão cultural e valorização da identidade afro-brasileira, materializando a letra da lei, dando vida à proposta. Além disso, o conceito é especialmente voltado para aqueles que não têm acesso frequente a museus ou exposições artísticas, facilitando essa experiência, buscando demonstrar como o ambiente escolar pode se tornar um espaço de promoção da diversidade e da ancestralidade brasileira.

A construção do projeto se deu no Instituto Menino Jesus (IMJ), escola privada localizada em Comendador Soares, Nova Iguaçu (RJ). É importante ressaltar que essa instituição se situa em um município da Baixada Fluminense que possui o segundo maior quantitativo de pessoas que se autodeclaram negras ou pardas, segundo o censo de 2022 (IBGE, 2022). Desse modo, é importante destacar que a cidade de Nova Iguaçu tem 528 mil pessoas negras ou pardas, o que, em termos percentuais, indica que a população é majoritariamente negra, com 62,6% do total. Neste cenário, o bairro de Comendador Soares, localizado próximo ao centro do município, possui muitas famílias negras e de classe média baixa. Fundado em 1970, o Instituto Menino Jesus viu a região criar comércios e residências, o que torna a escola bastante conhecida e respeitada pelos moradores do bairro.

A escola, como seu nome indica, possui tradições católicas, mas se destaca por estar atualizada em relação às questões de letramento racial e pela promoção de uma educação inclusiva. Para tanto, a instituição busca integrar os ensinamentos religiosos com a reflexão sobre a diversidade cultural e as desigualdades raciais, reconhecendo a importância de abordar temas que fomentem o respeito e a valorização das identidades afro-brasileiras. Diante deste cenário, no ano de 2023, um grupo de professores reuniu-se para elaborar uma proposta cuja finalidade era a sensibilização do corpo discente sobre a consciência negra, a partir das diretrizes da Lei nº 10.639. O público-alvo escolhido, portanto, foram estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Para a execução do projeto, os professores organizadores criaram grupos de trabalho que se reuniam virtual e presencialmente para planejamento e execução da instalação.

A realização do projeto, naquele contexto escolar, permitiu que alunos e professores participassem ativamente de uma experiência que uniu arte, educação e conscientização

social. O planejamento da instalação teve duração de aproximadamente quatro meses, período em que foram elaboradas as etapas de concepção artística, escolha de materiais e mobilização da comunidade escolar. Durante esse tempo, ocorreram reuniões virtuais por meio dos aplicativos *WhatsApp* e *Google Meet*. Essas reuniões serviram para apresentação da proposta e convite à participação de outros colegas docentes. Embora o projeto tenha sido idealizado com o intuito de promover uma abordagem interdisciplinar aos anos finais do Ensino Fundamental, não houve adesão dos professores desse segmento. Ainda assim, a proposta foi calorosamente acolhida pela professora de Redação do Ensino Médio, que já desenvolvia práticas pedagógicas voltadas para a temática racial.

Essa docente colaborou com a criação de quadros inspirados em autores negros, como Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, articulando literatura e arte para desconstruir estereótipos e valorizar as ancestralidades negras. A participação dos alunos ocorreu de forma voluntária, incentivando o protagonismo e a liberdade criativa no processo de produção. Assim, cada estudante pôde contribuir com sua própria leitura estética e simbólica da cultura afro-brasileira, reforçando o caráter coletivo, sensível e educativo da instalação. Concebida para destacar a força e a riqueza da cultura afro-brasileira, a instalação traz como símbolo central a Árvore da Vida, representada pelo Baobá. Esta alegoria remete à resiliência e à capacidade de ressignificação da comunidade afrodescendente, ao mesmo tempo em que evidencia o papel dos griôs na transmissão de saberes e tradições. Outros elementos, como os barcos de papel, remetem aos navios negreiros que trouxeram os africanos para o Brasil, carregando frases de autores negros e sensibilizando os visitantes para a dor e a resistência que moldaram a identidade afro-brasileira. Veja-se, a seguir, a figura 1.

Figura 1 - Instalação 2023



Fonte: Acervo pessoal.

No contexto da instalação *Raízes Renascentes*, surge como ferramenta para provocar reflexões sobre identidade, memória e futuro, ampliando o letramento racial e a consciência histórica, o Afrofuturismo, movimento cultural, estético e filosófico que utiliza elementos de ficção científica, fantasia, história e arte para reimaginar o futuro a partir de perspectivas afrocentradas. Essa abordagem propõe a valorização das culturas africanas e afrodescendentes, não apenas como parte do passado, mas principalmente como protagonistas de narrativas futuras, confrontando a história ‘inventada’ em livros como *Casa Grande e Senzala* (FREYRE,), e a história contada pelo olhar do povo negro como em *Rebeliões da Senzala* (MOURA, 1988)⁶.

A expressão *Afrofuturismo* foi cunhada pelo crítico cultural Mark Dery (1994) nos anos 1990, ao explorar como artistas negros reinterpretam temas tecnológicos e de ficção especulativa. Mais do que um gênero estético, o Afrofuturismo busca questionar os papéis tradicionalmente atribuídos às populações negras, imaginando futuros onde o protagonismo negro é central e positivo. Um exemplo de destaque é o filme *Pantera Negra* (2018), que ao apresentar a nação de Wakanda, uma sociedade tecnologicamente avançada

⁶Para compreender esse ‘confronto’, recomendamos a leitura de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (2006), e *Rebeliões da Senzala*, de Clóvis Moura (1988).

e culturalmente enraizada em valores africanos, trouxe para o *mainstream* uma narrativa afrofuturista potente.

Para que uma obra seja considerada afrofuturista, geralmente atende a quatro critérios: autoria negra, protagonismo negro, deslocamento temporal e espacial (como em ficção científica ou fantasia) e a valorização de elementos da cultura afro. No contexto da instalação *Raízes Renascentes*, o Afrofuturismo emerge como chave interpretativa para articular memória, presente e projeção de futuros possíveis. Mais do que um recurso estético, o Afrofuturismo é compreendido como prática crítica que desloca narrativas hegemônicas, reinscrevendo sujeitos negros como protagonistas de suas histórias e de seus porvires. Ao mobilizar símbolos ancestrais e articulá-los a imaginários de continuidade e transformação, a instalação produz um trabalho de memória que coloca passado e presente em diálogo ético, orientado pela construção de futuros desejáveis (GONDAR, 2016). Dessa forma, a experiência expositiva afasta-se de leituras centradas exclusivamente na dor e na violência, afirmando a cultura afro-brasileira como potência criadora e horizonte de reinvenção social.

Ao incorporar o Afrofuturismo, a instalação se alinha com o conceito de futuros possíveis para a população negra, indo além de narrativas de dor e violência, frequentemente exploradas nas artes. Ela projeta um futuro onde a cultura afro-brasileira não apenas resiste, mas também floresce e lidera. A experiência imersiva criada no espaço expositivo pode estimular os participantes a imaginar cenários de inclusão, diversidade e respeito, usando como base valores ancestrais como a coletividade, o cuidado com o meio ambiente e a celebração da identidade. Ao integrar o Afrofuturismo, a instalação não só reverencia o passado, como também inspira os visitantes a visualizar um futuro onde a cultura negra é protagonista e floresce em um cenário de inclusão e diversidade.

A presença da artista local Ana Cláudia Macedo foi de grande relevância ao processo de excussão da instalação. Professora da área socioemocional na própria escola, Ana também é artista plástica, e foi convidada a participar da instalação após a apresentação da proposta à equipe docente. Ao tomar conhecimento do projeto, se sentiu elogiada, reconhecendo na instalação uma oportunidade de dialogar com sua própria trajetória artística, marcada pela busca de cura, ressignificação e expressão emocional por meio da

arte. Seu estilo é predominantemente abstrato, com composições que exploram cores intensas, texturas e movimentos orgânicos. As obras de Ana Cláudia abordam temas como ancestralidade, ressignificação e autocura, inspirados em processos vivenciados durante o período da pandemia, quando passou a utilizar a pintura como meio de elaboração emocional e reencontro interior. Sua contribuição foi significativa para a proposta estética e pedagógica da instalação *Raízes Renascentes*, ampliando o diálogo entre arte, subjetividade e educação, fortalecendo a representatividade da mulher negra artista no contexto escolar.

Além disso, a presença de Ana Claudia Macedo foi essencial para o evento, pois trouxe a perspectiva de uma mulher negra que reafirma sua negritude por meio da arte. Suas obras, expostas junto à instalação, contribuíram para questionar a ausência de referências negras em espaços de arte e reafirmaram a importância de ter protagonistas negros contando suas próprias histórias. Essa abordagem se conecta com a crítica de Stuart Hall (2003), que destaca o como a história, em que nós somos os próprios autores, dá sentido às nossas identidades.

Figura 2 - Montagem 2023



Fonte: Acervo pessoal.

A instalação é pensada como uma experiência imersiva, que busca mais do que apresentar objetos ou obras; ela convida os participantes a refletirem sobre as contribuições da cultura afro-brasileira e seu papel na formação da identidade nacional, cria um espaço participativo, onde os visitantes podem compartilhar experiências e perspectivas, promovendo uma troca significativa e uma compreensão mais profunda da diversidade cultural e étnica do Brasil. A participação dos alunos no processo de criação da instalação foi fundamental para o impacto do projeto. E.S., aluna da 2ª série do Ensino Médio, descreveu a instalação como “um chamado à ação para promover a igualdade e o respeito à diversidade”, destacando o papel crucial da educação na valorização da cultura negra. Já A.C., aluna do 8º ano do Ensino Fundamental, compartilhou que “a história contada por negros para negros nos faz refletir sobre a grandiosidade da nossa cultura”. Ambas enfatizam a importância de ir além das narrativas da escravidão para valorizar a verdadeira história e contribuição da comunidade afrodescendente.

Além de coletar os depoimentos dos alunos, buscou-se compreender de que maneira a experiência com a instalação *Raízes Renascentes* contribuiu para a formação de uma consciência crítica sobre as questões raciais. Os relatos serviram como instrumento avaliativo e reflexivo, sendo utilizados apenas para fins pedagógicos e de aprimoramento do projeto, não compondo a parte expositiva da instalação. A análise dessas percepções permitiu identificar avanços na compreensão dos alunos sobre identidade, ancestralidade e resistência cultural, além de orientar futuras ações interdisciplinares voltadas à educação antirracista.

A instalação proporcionou ainda uma experiência de imersão, em que os alunos puderam vivenciar um espaço que não apenas promoveu a conscientização, mas também resgatou um pouco da história e da cultura afro-brasileiras, convidando-os a refletir ativamente sobre a importância desse resgate em suas vidas. Ao criar essa plataforma de expressão e reflexão, a instalação artística *Raízes Renascentes* se alinha aos objetivos da Lei nº 10.639, promovendo uma educação antirracista e inclusiva. Essa abordagem interativa incentivou os alunos a questionarem, refletirem e agirem, construindo um entendimento mais amplo sobre a importância da diversidade cultural e fortalecendo seu papel como agentes de transformação social. Entre os elementos visuais e simbólicos da

instalação, destacou-se a relação entre a terra, as sementes e a saia com elementos naturais, que remetem à ancestralidade e à força protetora das mulheres negras. Essa composição expressa a ideia de fertilidade, resistência e continuidade, aspectos presentes no imaginário afro-brasileiro que associam o corpo feminino à origem e à preservação da vida. Assim, a instalação não apenas homenageou a cultura afro-brasileira, mas também evidenciou a dimensão feminina da resistência negra, abrindo caminho para refletir sobre a trajetória de mulheres negras artistas que, como as raízes que insistem em brotar, lutam diariamente para afirmar sua existência e sua arte, muitas vezes conciliando a criação com outras formas de trabalho. Essa simbologia de ancestralidade e reexistência feminina cria a ponte que conduz à próxima seção deste artigo, dedicada às vozes de mulheres negras da Baixada Fluminense, artistas que transformam suas vivências em arte e reafirmam, através da criação estética, sua potência e liberdade.

2. VOZES NEGRAS DA BAIXADA FLUMINENSE

Cabe destacar neste momento que a presente pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa participante, uma vez que os autores estiveram diretamente envolvidos na concepção, execução e acompanhamento da instalação artística *Raízes Renascentes*. Além da observação do processo pedagógico e das interações no espaço expositivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mulheres negras artistas da Baixada Fluminense (RJ), no primeiro semestre de 2025. As entrevistas priorizaram narrativas de trajetória, percepções sobre violência simbólica no campo artístico e os sentidos atribuídos à arte como prática de resistência e cura. As falas foram analisadas à luz dos estudos decoloniais e dos feminismos negros, compreendendo a entrevista como prática de escuta política e produção de conhecimento situado.

Assim, a instalação *Raízes Renascentes* evidenciou como a arte pode atuar como ferramenta pedagógica e política na promoção da consciência racial e decolonial/contracolonial. No entanto, o enfrentamento das violências simbólicas e estruturais no campo artístico também passa pela escuta e valorização das vozes de mulheres negras que constroem seus caminhos criativos de enfrentamento em territórios

historicamente marginalizados, como a Baixada Fluminense. Com base nisso, esta seção amplia o debate ao reunir trechos de entrevistas com três artistas da região que conhecem e vivenciam o cotidiano desse espaço. São elas: Ana Cláudia Macedo, Bia Chaves e Roberta Gomes, cujas trajetórias, embora distintas, convergem na luta contra a invisibilização da mulher negra na arte. Suas falas revelam experiências de resistência, cura e afirmação identitária, reafirmando a potência da arte como linguagem de denúncia e libertação.

2.1. ENTREVISTA COM BIA CHAVES - A CORAGEM DE EXISTIR ATRAVÉS DA ARTE

Entrevistada: Bia Chaves (2025) – artista visual e educadora, residente em Nova Iguaçu (RJ).

Pergunta: Na sua trajetória artística, de que forma você percebe as marcas da violência simbólica contra mulheres negras no campo da arte?

Chaves: A violência simbólica aparece em cada gesto que tenta nos calar. No meio artístico, a mulher negra ainda é vista como exceção, como corpo exótico ou como expressão de dor, e não como criadora. Já ouvi comentários do tipo: “Você pinta bem para uma mulher preta”, ou “Seu trabalho é forte, mas pesado demais”. Essa leitura é atravessada pelo olhar branco, que tenta reduzir a complexidade da nossa arte e da nossa história.

Há também o silenciamento nos espaços de curadoria, onde a presença de artistas negras é mínima. A violência simbólica se manifesta na falta de convites, na ausência de menções e na invisibilidade institucional. É uma violência que não deixa marcas físicas, mas molda o modo como nos enxergam e tentam limitar nossos caminhos.

Pergunta: Como a sua arte busca enfrentar essas violências e afirmar a identidade da mulher negra?

Chaves: Minha arte é um grito silencioso. Eu pinto com cores vibrantes, mas a força está no gesto, no movimento, na memória. Busco representar a mulher negra como potência, não como dor. Minha arte é um espelho de mim e das minhas — mães, avós,

amigas, vizinhas — mulheres negras que resistem e florescem todos os dias. Cada traço é um ato de afirmação e de liberdade.

Pergunta: De que maneira expor na Galeria Fenig⁷ no Mês da Consciência Negra te marcou como artista?

Chaves: Expor na Fenig no Mês da Consciência Negra foi uma das experiências mais marcantes da minha trajetória. Eu me senti parte de uma história maior — um território de vozes e cores. Ver meu trabalho junto ao de outras mulheres negras foi entender que a arte também é um lugar de cura coletiva. A Fenig se torna, nesses momentos, um quilombo simbólico, onde a nossa produção ganha visibilidade e força.

Pergunta: Que mensagem você deixaria para as meninas e mulheres negras que desejam se expressar por meio da arte?

Chaves: Minha mensagem é: acreditem no que arde em vocês. A arte é uma herança ancestral, é corpo e memória. Não esperem reconhecimento de quem não nos vê; criem os seus próprios espaços, seus próprios caminhos. Ser mulher negra e artista é um ato de coragem, e essa coragem é o que transforma o mundo.

2.2. ENTREVISTA COM ANA CLÁUDIA MACEDO - MEMÓRIAS, FERIDAS E CURA ATRAVÉS DA ARTE

Entrevistada: Ana Claudia Macedo (2025) — artista visual e educadora, participante da instalação *Raízes Renascentes*.

Pergunta: Na sua trajetória artística, de que forma você percebe as marcas da violência simbólica contra mulheres negras no campo da arte?

Macedo: Dentro da minha trajetória artística, percebo as marcas da violência simbólica desde a infância, quando uma professora disse que eu tinha problemas mentais por pintar uma árvore com tronco lilás e folhas coloridas. Esse episódio me fez entender o quanto a mulher negra é colocada abaixo, excluída do campo da arte e da imaginação. A

⁷Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu, instituição municipal responsável por promover e difundir atividades culturais, artísticas e educacionais no município da Baixada Fluminense.

violência simbólica é essa opressão silenciosa que nos convence de que não somos capazes. Ela adoece, silencia e empurra a mulher negra para fora dos espaços de criação.

Pergunta: Como a sua arte busca enfrentar essas violências e afirmar a identidade da mulher negra?

Macedo: A minha arte busca entender e enfrentar essa violência. Mesmo sabendo que o patriarcado foi feito para nos esconder, eu escolhi me colocar e resistir. Pinto para mostrar que a mulher negra tem qualidade, tem força e tem direito a estar em qualquer lugar — inclusive nas artes. A minha arte é resistência e renascimento, é me colocar em espaços onde disseram que eu não podia estar. Sou como a Fênix: me refaço e ressurjo das cinzas.

Pergunta: De que maneira a instalação *Raízes Renascentes* contribuiu para esse processo de resistência e cura?

Macedo: A instalação foi fundamental. Foi o farol. Ela me deu a oportunidade de me mostrar e mostrar a minha capacidade. Pela primeira vez, meu trabalho foi visto fora das redes sociais. Ver meus alunos e colegas se emocionando com as minhas telas foi uma cura. *Raízes Renascentes* me curou e abriu caminhos. Depois dela, realizei minha exposição na Galeria Fenig, *Reflexos do Ressignificar: um olhar de cura através da arte*. A arte me cura, todos os dias.

Pergunta: Que mensagem você deixaria para as meninas e mulheres negras que desejam se expressar por meio da arte?

Macedo: Não deem ouvidos à torcida contra. Mostrem o seu trabalho. Nós, mulheres negras, já fomos caladas por tempo demais. Não abaixem a cabeça para o olhar europeu que tenta nos definir. Busquem conhecimento, ocupem os espaços e valorizem a arte feita por mulheres negras da Baixada. Somos resistência e reexistência.

2.3. ENTREVISTA COM ROBERTA GOMES (“ROBERTA CULTURA”) - SER ARTE É SER LIVRE

Entrevistada: Roberta Gomes (2025) – artista visual e musicista, conhecida como Roberta Cultura.

Pergunta: Na sua trajetória artística, de que forma você percebe as marcas da violência simbólica contra mulheres negras no campo da arte?

Gomes: Sou uma mulher preta e com uma atividade artística múltipla — na música e nas artes visuais. O espaço para mulheres é reduzido e as oportunidades, poucas. As artes plásticas ainda são um campo masculino e branco. Eu me posiciono com meu trabalho na arte abstrata, e enfrento críticas que tentam me enquadrar. Já ouvi: “Você é preta, devia pintar pessoas pretas”. O racismo existe no meio artístico, e a branquitude tenta decidir o que é o nosso lugar.

Pergunta: De que maneira expor na Galeria Fenig no Mês da Mulher te marcou como artista?

Gomes: Expor no Mês da Mulher me fez lembrar as violências que sofri e vejo outras mulheres sofrerem. A mostra *Fale e Não se Cale* foi uma forma de trazer a realidade das mulheres negras à tona. Foi um ato político, um grito de resistência.

Pergunta: Que mensagem você deixaria para as meninas e mulheres negras que desejam se expressar por meio da arte?

Gomes: Seja arte. Seja livre da mentalidade colonialista que nos invisibiliza. Expresse-se da forma que sente e vibra. A arte é nosso corpo e nossa voz. Não espere espaço: crie o seu. Mostre que mulheres negras podem estar em todos os lugares da arte. Nós somos a arte.

As entrevistas reunidas nesta seção revelam o quanto a arte, para mulheres negras da Baixada Fluminense, é território de resistência, denúncia e (re)existência. Em diferentes linguagens – como a da pintura, a da instalação e a da abstração – Bia Chaves, Ana Claudia Macedo e Roberta Gomes desconstroem o olhar eurocêntrico e patriarcal e propõem outras epistemologias do sensível. Suas vozes ecoam as reflexões de pensadoras negras que atravessam suas trajetórias e processos criativos, como Grada Kilomba (2019), bell hooks (2017) e Sueli Carneiro (2011), afirmando a arte como prática de libertação, cura e reconstrução de identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos dos alunos revelam o profundo impacto que a instalação *Raízes Renascentes* teve em sua compreensão do *Dia da Consciência Negra* e na valorização da cultura afro-brasileira. Ao final da experiência, foram coletadas aproximadamente 26 avaliações escritas, nas quais os estudantes registraram suas percepções sobre o projeto. A maioria dos relatos expressou emoções positivas e reflexões críticas sobre identidade, pertencimento e representatividade. Termos como ‘racismo’, ‘empoderamento’, ‘ancestralidade’, ‘força’, ‘resistência’ e ‘visibilidade’ apareceram de forma recorrente, evidenciando o alcance simbólico e afetivo da proposta.

Esse projeto foi ao encontro não apenas dos objetivos da Lei nº 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, como também fortaleceu a compreensão de que a educação antirracista vai além do conteúdo curricular, ela se traduz em práticas pedagógicas que desafiam os alunos a refletirem sobre as desigualdades e violências enfrentadas pela comunidade negra, além de incentivá-los a reconhecer a importância de promover a igualdade e o respeito à diversidade em nossa sociedade. A instalação, ao ser uma ferramenta pedagógica, mostrou que a Lei nº 10.639 é mais que uma legislação abstrata; configura-se na verdade em oportunidade para transformar o ambiente educacional e social, tornando-o mais justo e igualitário.

À medida que avançamos, é fundamental que continuemos a buscar soluções para promover uma educação verdadeiramente antirracista. A implementação da Lei nº 10.639 é apenas o começo. A educação deve ser vista como uma plataforma dinâmica, que precisa de constante aprimoramento para garantir que os conceitos de diversidade, igualdade e respeito sejam incorporados de maneira profunda no cotidiano escolar. Além disso, é essencial o desenvolvimento de programas e iniciativas que promovam uma compreensão mais ampla e significativa da história e cultura afro-brasileiras, transcendendo o ensino tradicional e criando novas formas de aprendizagem.

As respostas das artistas Bia Chaves, Ana Cláudia Macedo e Roberta Gomes ampliam o alcance deste estudo, revelando como a arte, especialmente quando produzida

por mulheres negras, se torna instrumento de resistência e enfrentamento às violências simbólicas e estruturais. Suas experiências, suas vivências articuladas à proposta da instalação *Raízes Renascentes*, evidenciam que a arte pode funcionar simultaneamente como prática pedagógica e ato político, promovendo cura, memória e emancipação. A partir dessas vozes, compreende-se que o combate ao racismo e ao sexismo no campo artístico exige não apenas a ocupação de espaços institucionais, mas também a reconstrução de imaginários e epistemologias do sensível que desafiem o olhar eurocêntrico e patriarcal ainda dominante.

A luta contra o racismo é um desafio coletivo, que não pode ser encarado apenas pelas instituições educacionais. Toda a sociedade tem um papel fundamental na construção de um ambiente onde todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou racial, sejam valorizadas e respeitadas. Nesse sentido, projetos como a instalação *Raízes Renascentes* têm o poder de sensibilizar, mobilizar e inspirar não apenas os alunos, mas também as famílias e a comunidade em geral, ampliando os horizontes da reflexão e do compromisso com a justiça social.

Os resultados deste estudo indicam que a instalação artística *Raízes Renascentes* operou como um dispositivo pedagógico capaz de articular educação, arte e política, promovendo reflexões críticas sobre identidade, ancestralidade e racismo estrutural no espaço escolar. As falas dos estudantes e das artistas entrevistadas evidenciam que a arte, especialmente quando produzida por mulheres negras, constitui um território de resistência, cura e produção de conhecimento. Reconhece-se, contudo, que o recorte da pesquisa se limita a uma experiência específica, situada em determinado contexto institucional e territorial. Ainda assim, a iniciativa aponta caminhos para a ampliação de práticas pedagógicas antirracistas, sugerindo a potência de projetos artísticos interdisciplinares como estratégias de efetivação da Lei nº 10.639 e de reconstrução dos imaginários sociais. Ao afirmar a arte como prática de (re)existência, o trabalho contribui para o debate sobre educação decolonial e para a valorização das vozes negras na produção cultural e acadêmica.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. The Afrocentric idea. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 6 out. 2024.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHAVES, Bia. Entrevista concedida a Eduardo Santana. Nova Iguaçu, 2025.

DERY, Mark. **BLACK TO THE FUTURE:** Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark. Flame Wars: The Discourse of Cyberculture. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179-222.

FREYRE, Gilberto. **CASA-GRANDE & SENZALA:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Roberta. Entrevista concedida a Eduardo Santana. Nova Iguaçu, 2025.

GONDAR, Jo. Cinco proposições sobre memória social. **MORPHEUS:** Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Ed. Especial “Por que Memória Social”, v.9, n.15, 2016, p. 19-40.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. In: **HALL**, Stuart et al. Cultura, identidade e política. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003. p. 123–145.

HOOKS, bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, conhecendo o Brasil de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 23 out. 2025.

KILOMBA, Grada. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACEDO, Ana Claudia. Entrevista concedida a Eduardo Santana. Nova Iguaçu, 2025.

MOURA, Clóvis. **REBELIÕES DA SENZALA**: quilombos, insurreições, guerrilhas. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018. Filme (134 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/movies/black-panther/1GuXuYPj99Ke>. Acesso em: 8 jun. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **LANDER**, Edgardo (Org.). **A COLONIALIDADE DO SABER**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. 2. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

XAVIER, Jussara Janning. **INSTALAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**: interrogações sobre composições visuais e cênicas fundadas na interação corpo-espço. Art&Sensorium, v. 6, n. 1, p. 34–45, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/sensorium/article/view/2481>. Acesso em: 27 jan. 2025.